

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Annelyze de Araújo Reis

**A ideia de história em Aristóteles:
uma leitura a partir da Metafísica**

Monografia apresentada à Graduação em História da
PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título
de licenciada em História.

Orientadora: Flávia Maria Schlee Eyler

Rio de Janeiro

Dezembro de 2018

Para Maria da Aparecida de Araújo Reis.
[in memoriam]

Agradecimentos

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela oportunidade de fazer parte do seu corpo docente e experienciar em suas salas de aula o compromisso da instituição para com o conhecimento e a construção crítica de seus acadêmicos. Para além da expressiva afetividade dirigida aos alunos de baixa renda, aos quais me incluo, expressada pela concessão de bolsas da Vice-Reitoria Acadêmica e Comunitária e pelo Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio (FESP), que formaram a base que tornou possível minha dedicação aos estudos.

Agradeço à Instituição Teresiana nas pessoas de Léa Macedo Dias, Álvaro Saavedra e Lúcia Helena Saavedra, que com muito carinho e amor apoiaram minha estadia na cidade do Rio de Janeiro, me impulsionaram a perseguir meus sonhos, e me inspiram cada vez mais a me doar em prol do bem do outro. Muito obrigada, vocês tornaram essa grande conquista possível.

Agradeço a Medoro de Oliveira por me fazer entender que eu seria capaz de qualquer coisa que eu intentasse realizar. Sou o que sou hoje porque tive esse padrinho excepcional que sempre esteve ao meu lado e nunca deixou de acreditar em mim. A “pessoinha” que um dia chorou em seus braços sentindo-se incapaz, hoje volta com um sorriso e um profundo agradecimento a Deus por ter te posto em meu caminho.

Agradeço à Heloisa Gesteira por ter me ensinado o que significa ser um historiador, e que eu não preciso de 50 palavras para falar o que eu posso dizer com 5. Agradeço à Flávia Eyler pela sua alegria genuína em auxiliar o crescimento intelectual e pessoal de seus alunos, pelo brilho em seus olhos quando nos vê construindo pensamentos notáveis, pela solicitude ao atender qualquer pedido que façamos, e pelo simples sorriso ao passar pelo corredor.

Agradeço à Larissa Correa, à Maurício Parada, aos alunos do PET-História, à Marcelly Dias e Patrícia Bastos, por terem me ensinado que um pensamento não muito inteligente compartilhado vale muito mais que um pensamento genial guardado para si. Agradeço aos alunos que começaram esse percurso acadêmico comigo por terem se tornado a melhor turma que eu poderia desejar, são eles: Alice

Mabel, Ana Amélia Drumond, André Penna-Firme, Carolina Fernandes, Isabela Ferrari, Jonas Martini, Maria Alice Balbino, Felipe Oliveira e Raphael Farias.

Agradeço aos professores de filosofia Carolina Araújo, Pedro Rego e Maxime Rovere, e novamente à Flávia Eyler, por terem desestabilizado minhas concepções de conhecimento e linguagem, tornando possível uma maneira de pensar constituída de conexões e não de limites. Agradeço à Henrique Estrada pelo curso ‘História e Poesia’. E agradeço à Fabiana Martins por ter me ensinado que ser uma estudante vai muito além de demandas institucionais.

Agradeço aos funcionários da PUC-Rio, sem os quais nenhum de nós seria capaz de permanecer na vida universitária. Destaco de modo especial os funcionários do Departamento de História – Cláudio, Anair, Edna, Cleusa e Igor – que sempre nos recebem com sorrisos, biscoitos, e o mais importante: café.

Agradeço aos meus irmãos por estarem sempre ao meu lado e me mostrarem o que é se sentir segura. E agradeço por fim, aos meus pais, Francisco de Paula Reis por me apoiar em todas as escolhas que faço, e Maria da Aparecida de Araújo Reis, que é minha inspiração em todo e qualquer pensamento. Mãe, eu sei que você não pôde ficar para ver a mulher que eu iria me tornar, mas saiba que, se eu conseguir ser metade da mulher que você foi, já estarei feliz. Eu sei que seu sonho foi ser professora e que o destino lhe impediu de o realizar: hoje eu cumpro a primeira etapa do sonho que foi seu, mas agora é meu. Obrigada por sempre terem me amado.

Resumo:

O presente trabalho busca traçar uma ideia de história nas obras aristotélicas, levando em consideração a concepção temporal grega em que se insere Aristóteles, e as concepções temporais de seus leitores e comentadores que interferiram, seja no texto aristotélico, seja nas interpretações sobre Aristóteles mantidas pela tradição. Apesar de as leituras sobre a ideia de história em Aristóteles na historiografia versarem sobre os textos da Poética e da Retórica, a proposta aqui é encontrar a ideia de história a partir da Filosofia Primeira aristotélica – a *Metafísica*.

Palavras-chave:

Aristóteles; História; Metafísica;

Abstract:

The present work seeks to trace an idea of history in the Aristotelian works, taking into account the Greek temporal conception in which Aristotle is inserted, and the temporal conceptions of its readers and commentators that have interfered, be it in the Aristotelian text, or in the interpretations on Aristotle maintained by tradition. Although the readings on the idea of history in Aristotle in historiography deal with the texts of Poetics and Rhetoric, the proposal here is to find the idea of history from the Aristotelian First Philosophy – the *Metaphysics*.

Keywords:

Aristotle; History; Metaphysics;

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I. A <i>poíesis</i> do trabalho.....	10
1.1. Aristóteles.....	10
1.2. As obras aristotélicas e seu percurso histórico.....	13
1.3. A metodologia.....	19
1.4. O regime de historicidade grego.....	23
Capítulo II. A idéia de história.....	26
2.1 O caso da Poética.....	26
2.2 A história a partir da Metafísica.....	27
2.3 A história na Filosofia Prática.....	32
2.4 Sobre a dialética.....	35
Conclusão.....	37
Bibliografia.....	38

“Sometimes you gotta run before you can walk.”

Iron Man, 2008.

Introdução

O pensamento aristotélico, desde sua origem, é tratado canonicamente na História da Filosofia. No entanto, retirá-lo da sua “caixa” disciplinar para pensá-lo a partir de outras metodologias e/ou possibilidades não é um estudo comumente feito. Nesse sentido, ao ler Aristóteles a partir de um ponto de vista histórico, e tentar encontrar nas obras aristotélicas o significado de ‘história’, pretendo demonstrar que um pensar articulado, sem as amarras dos compartimentos disciplinares, pode trazer contribuições não somente no sentido de comentários à Aristóteles, mas também à possibilidade um diálogo interdisciplinar entre a História e a Filosofia.

Com vista à realização desta pretensão, muito ambiciosa, eu diria, dediquei o primeiro capítulo a um vislumbre biográfico não só de Aristóteles, mas também, em certa medida, de suas obras, e a um delinear tateante em metodologias da história na tentativa de construir um caminho que me auxiliasse em trazer “a filosofia” para “a história”.

Já que a teoria da história no seu fim último é a própria prática, no segundo capítulo busquei, como os historiadores, fazer da teoria, prática. Assim sendo, nessa parte da monografia analiso as obras aristotélicas com vista a encontrar uma ideia de história a partir da Metafísica. Aqui, apesar de fazer uso do que poderia ser caracterizado como uma argumentação filosófica, o pano de fundo de toda a discussão é a relação de Aristóteles com o seu tempo – e nesse sentido mantendo uma relação com a disciplina histórica – a partir das evidências que puderam permanecer em suas obras através da História.

Capítulo I – A *poiesis* do trabalho

1.1. Aristóteles

No prefácio de *Entre o Passado e o Futuro*, Hannah Arendt descreve, com o auxílio de Kafka, as condições mentais contemporâneas do pensamento. A imagem de Hannah constitui-se de um “ele” que se encontra entre forças antagônicas, uma vinda do passado e outra do futuro, ambas ilimitadas no sentido de suas origens, mas determinadas em seu fim, o ponto em que colidem. Porém, desse embate de forças uma terceira linha se manifestaria: uma diagonal, de origem determinada, mas de término ilimitado, posto que se origina de duas forças ilimitadas.

Apesar da complexa imagem de Hannah ser definida por ela enquanto figura do pensamento do homem contemporâneo, me apropriarei da alegoria para começar a compor a difícil tarefa que me coloquei de pensar a ideia de história nas obras aristotélicas. Nesse sentido, o nosso “ele” entre forças é Aristóteles. A força vinda do futuro é o pensamento que construí sobre este homem grego, e esta força, ainda que ilimitada em sua origem na imagem de Hannah, na minha imagem, é limitada por meu próprio pensamento. A força vinda do passado é o contexto grego em que se insere Aristóteles, que, em certa medida, também sofre das interferências do meu pensamento. E a síntese, a diagonal originada nesse embate, é *uma* ideia de história, sem a pretensão de ser a do homem grego que viveu no século IV a.C. em absoluto, mas justamente o pensamento originado nesse encontro de forças cujo ponto comum é Aristóteles.

Começo então, por nosso “ele” que deve ser situado no que podemos chamar de “tempo-calendário”. Aristóteles nasceu no ano 384 a.C. na cidade jônica de Estagira, situada na península Calcídica. Era filho de Nicômaco, um médico frequentador da corte de Amintas II, rei da Macedônia. É de se supor que Nicômaco levava Aristóteles consigo à corte, onde este teria passado a infância e a primeira juventude. É de se supor igualmente, que ali teria construído uma amizade com Filipe, filho de Amintas, e posterior rei da Macedônia, pai do homem que viria a ser conhecido como Alexandre, o Grande.

Dado o ofício médico de seu pai, Aristóteles se encontrava constantemente impulsionado ao exercício intelectual. Prestando observações à natureza, atento aos processos biológicos e ávido por conhecer e classificar as mais variadas espécies animais e vegetais. Por conta do prematuro falecimento de seu pai, Aristóteles ficou aos cuidados de um familiar de nome Próximo, que o enviou aos estudos na Academia de Platão em Atenas.

A Atenas que recebeu o jovem forasteiro estagirita de dezessete anos em 367/6 a.C. já não era a Atenas da supremacia militar e política que fora no século V antes de nossa era, mas ainda conservava sua superioridade cultural – artística, filosófica, científica e educativa – entre as cidades gregas. Permanecia enquanto capital cultural do mundo helênico, lugar das escolas, como a de Isócrates e Platão¹, que se dedicavam à formação dos futuros políticos, dos futuros “homens de estado”. Aristóteles permaneceu em Atenas, na Academia de Platão, por vinte anos. Ali, participava de intensas discussões sobre a ciência, sobre a astronomia e a matemática, sobre as Idéias e a dialética, sobre a retórica, a ética e a política. Nesse período, teria escrito suas primeiras obras, hoje perdidas, na forma de diálogos sob forte influência platônica.

Com a morte de Platão em 347 a.C., a Academia necessitava de um sucessor, três eram os candidatos: os atenienses Espeusipo e Xenócrates, e o próprio Aristóteles. O eleito foi Espeusipo, sobrinho de Platão. Pode-se supor que Aristóteles não tenha sido o escolhido devido às suas já manifestadas divergências ao platonismo, mas o próprio Espeusipo também era um opositor à teoria das Idéias. Portanto, a causa mais provável da não eleição de Aristóteles e da sua retirada de Atenas no mesmo ano, estaria relacionada aos acontecimentos políticos da época. Filipe, já então rei da Macedônia, há doze anos permanecia travando embates com Atenas, impulsionando uma reação antimacedônia nos atenienses, o que teria acabado por levar Aristóteles a deixar Atenas, tendo em vista sua relação com a Macedônia e com o próprio Filipe.²

¹ A escola de Isócrates seguia os passos sofísticos, lecionando sobre uma *areté* política baseada no sucesso do discurso retórico, enquanto a Academia de Platão orientava-se para uma educação sobre a ação, não somente política, com bases numa investigação científica de índole matemática.

² MARTÍNEZ, Tomás. *Aristóteles y el aristotelismo*, pág. 6.

Com a saída de Atenas se abre um novo período na vida de Aristóteles, que se prolongará pelos doze anos seguintes. Juntamente com Xenócrates e outros alunos da Academia, Aristóteles seguiu para a cidade de Assos, na costa oriental mediterrânea. Ali permaneceu por três anos e contraiu matrimônio com Pítias, filha adotiva do tirano eunuco Hérmiás, ex-integrante Academia. Com Pítias, teve uma filha nomeada em honra da mãe. No entanto, o filho a quem dedicou um de seus mais importantes tratados, a *Ética a Nicômaco*, não foi gerado por Pítias, mas por Hérpilis, com quem se casou após a morte da primeira.

Ao deixar Assos, Aristóteles dirigiu-se a Mitilene, na Ilha de Lesbos, onde residiu até ser convocado pelo rei Filipe, no ano de 343 a.C., a dedicar-se à educação de seu filho Alexandre, que tinha então, a idade de treze anos. É ainda preceptor de Alexandre quando, em 338 a.C., os macedônios derrotam os gregos em Queronéia, pondo fim à autonomia das cidades-estado que caracterizaram a Grécia do período helênico, que a partir de então fica sob os domínios da Macedônia e posteriormente de Roma³. Sobre a relação entre Alexandre e Aristóteles pouco sabe-se concretamente, mas, basta comentar que Alexandre não aderiu aos moldes políticos de seu mentor, baseado nas cidades-estado, desenvolvendo em vez disto, um vasto império no qual as cidades-estado perdiam sua significação e protagonismo político.

No ano de 335 antes de nossa era, Aristóteles voltou à Atenas após a morte de Filipe, e a ascensão de Alexandre ao trono, com a intenção de estabelecer-se definitivamente na cidade dedicada à Deusa da Sabedoria. Com quarenta e nove anos de idade fundou o Liceu e permaneceu regendo-o pelos doze anos seguintes. Sua escola, diferentemente da Academia, cujo foco eram as investigações matemáticas, dedicava-se principalmente às ciências naturais. No Liceu, o Estagirita ocupou-se ensinando os jovens peripatéticos⁴, escrevendo e elaborando grandes investigações. Apesar da sua pretensão de permanecer em Atenas, o ano de 323 a.C. marcou o mundo helênico, e os atenienses. Aos trinta e três anos, morre Alexandre III da Macedônia. E sua morte reacendeu nos atenienses o ódio à

³ Coleção Os Pensadores – Aristóteles, volume 1. *Vida e Obra*, pág. IX.

⁴ Περιπατητικός são os que passeiam, ambulantes, itinerantes; assim são chamados os discípulos de Aristóteles devido ao hábito do ensinamento ao ar livre, ao andar, no Liceu.

Macedônia, que obrigou Aristóteles a se retirar de Atenas uma segunda vez, esta, para nunca mais retornar, deixando o Liceu sob a direção de Teofrasto.

Com sessenta e um anos, o filósofo estagirita chega a Cálcis, cidade da Ilha de Eubeia, onde sua mãe havia nascido. Um ano depois, Aristóteles morre. Em seu testamento⁵ dispõe uma série de instruções de caráter econômico, religioso e familiar, entre elas, que os restos de sua esposa Pítia sejam trazidos e sepultados junto aos seus, e que sua filha case-se com Nicomor, filho de seu tutor Próximo, e adotado pelo Estagirita após sua morte.

A vida de Aristóteles foi uma vida de aventuras. Esteve entre os grandes homens de seu século, foi discípulo de Platão e preceptor de Alexandre. As duas vezes em que teve de deixar Atenas o fez em relação a estes homens, a primeira, após a morte de Platão, a segunda, após a morte de Alexandre. Mas apesar da vida errante, Aristóteles foi, acima de tudo, um homem profundamente apaixonado pelo saber.⁶

1.2. As obras aristotélicas e seu percurso histórico

A citação a seguir é um ponto de partida imprescindível para entender porque abordar o percurso das obras aristotélicas é necessário. Escrevem Roger Chartier e Guglielmo Cavallo na introdução de seu livro ‘A História da Leitura no Mundo Ocidental’:

“Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro, segundo a qual o texto existe em si mesmo, separado de qualquer materialidade, devemos lembrar que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido). Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de

⁵ Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, Livro V – Diógenes Laércio e The Complete Works of Aristotle – J. Barnes, págs. 2459-2465.

⁶ MARTÍNES, Op. Cit., pág. 7.

diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes.”.⁷

O *Corpus Aristotelicum* experimentou as mudanças de suporte material, as práticas de leitura – variantes no tempo, e no espaço entre oriente e o ocidente –, as interferências atualizadoras da linguagem original, as traduções, a reconfiguração de organicidade, entre outros. E, como explicita a citação, esteve nas mãos dos mais variados leitores que, segundo suas categorias, intervieram no texto, seja através da tarefa de copista, seja como estudante inspirado em um projeto investigativo. Portanto, o texto ao qual temos acesso é costurado por uma linha errante entre o autêntico e o inautêntico, que o destitui de sua ‘aura’ original, mas o envolve em outra, talvez ainda mais instigante, cuja forma é um mosaico de pequenas contribuições feitas ao longo da história da filosofia.⁸

A aventura dos escritos aristotélicos começa antes mesmo de seu recorte enquanto ‘*Corpus*’, quando ainda figurava uma coletânea textual reunida no Liceu de Atenas, que, após a morte de Aristóteles ficou a cargo de Teofrasto de Éreso. Este, por sua vez, a deixou, em conjunto do Liceu, sob a responsabilidade de um personagem recôndito de nome Neléio de Scepsi. Porém, quem assumiu o Liceu como sucessor de Teofrasto foi Estratão de Lampsaco. E Neléio, perante suas circunstâncias, numa leitura forçosa do testamento deixado por Teofrasto, recolheu da biblioteca do Liceu a melhor parte dos textos e retirou-se para sua terra paterna.⁹

Entre 250 e 100 a.C. parece que de Aristóteles eram bem conhecidos apenas os diálogos de influência platônica, já citados, e os textos caracterizados como exotéricos¹⁰, enquanto os tratados que acabaram em Scepsi eram pouco ou mal

⁷ Numa passagem semelhante em ‘A ordem dos livros’, Chartier completa seu argumento sublinhando o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. – Em ambos excertos Chartier refere-se a uma história da leitura entre a época medieval e a modernidade, mas sua reflexão é aplicável ao *Corpus Aristotelicum* entendido enquanto texto.

⁸ Apropriação conscientemente indevida do conceito de “aura” de Walter Benjamin em ‘A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica’, mas que funciona enquanto metáfora na reflexão sobre o conjunto de textos aristotélicos. Em ‘Morte da memória, memória da morte: Da escrita em Platão’, Jeanne Marie Gagnebin vai além na apropriação do conceito de Benjamin para pensar a simultânea dessacralização e democratização provocadas pela escrita, que, segundo Platão, na argumentação de Gagnebin, banalizam a atividade do lembrar.

⁹ ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho*, pág. 166.

¹⁰ οἱ ἐξωτερικοὶ λόγοι, transliterado como *hoi exoterikoi logoi*. São os primeiros tratados aristotélicos, alguns ainda sob influência platônica, outros apresentam as primeiras discordâncias de Aristóteles com Platão.

conhecidos, até retornarem à Atenas em uma relação de compra e venda por volta do ano 100 a.C.. De Atenas os papiros¹¹ foram enviados à Roma, onde autores como Cícero tiveram acesso aos escritos. Na época de Augusto a difusão das obras manteve-se e estas acabaram nas mãos de um aristotélico de nome Andrônico de Rodes, que viveu entre os anos 80 e 15 a. C.¹² e dedicou-se a conferir organicidade aos textos elencando as obras que constituem o *Corpus Aristotelicum*.

A ‘reaparição’ dos tratados ocasionou um efeito involuntário, seu sucesso provocou um desinteresse nas obras que permaneceram em circulação – os diálogos e as obras exotéricas (que não foram confiscadas por Neléio), interrompendo progressivamente suas transcrições e provocando seu desaparecimento.¹³ O que nos resta atualmente dessas obras são os títulos e algumas referências ao seu conteúdo procedentes de autores gregos e latinos que dedicaram-se a tecer comentários sobre o pensamento aristotélico.¹⁴

A circulação das obras aristotélicas permaneceu até o ano 529 d.C.¹⁵, quando o Imperador Justiniano tomou a decisão de acabar com o que ele concebia como uma expressão do paganismo. Nesse contexto, as obras de Aristóteles, que eram fonte de intensas discussões, produções de comentários e de um projeto de tradução completa para o latim, deixou de circular e a tradução parou sem ir além de uma parte do *Órganon*¹⁶. Porém, esses fatos não significaram o desaparecimento total das obras das bibliotecas gregas, mas ocasionaram um longo período de desinteresse pelo pensamento aristotélico.¹⁷

¹¹ À época de Heródoto os papiros já haviam substituído as peles de carneiro curtidas como suporte material dos textos, tanto que o historiador gaba-se em contraposição aos bárbaros que ainda usam peles de animais. O papiro era confeccionado em folhas retangulares de 10 a 15 metros de comprimento por 20, 30 ou 35cm de largura; e é verossímil que a divisão em livros corresponda à quantidade de rolos de papiro utilizados para a confecção das obras.

¹² ROSSETTI, Op. Cit.

¹³ ROSSETTI, Op. Cit., pág. 167.

¹⁴ Talvez a mais significativa contribuição nesse sentido seja a de Alexandre de Afrodísia (séc. II-III a.C.), que é autor do *Commentaria in Metaphysica*, principal testemunho da existência do ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, obra em que Aristóteles primeiro haveria exposto seus argumentos contra os platonistas. Uma abordagem resumida desses argumentos encontra-se na *Metafísica A*, 9, 990b 8-29.

¹⁵ Desde antes do ano 100 houve a mudança do suporte material dos rolos de papiro ao códex – folha de papiro dobrada em duas de modo a ser possível escrever nas quatro faces resultantes; essas folhas eram agrupadas de quatro em quatro e protegidas por duas pequenas tábuas de madeira.

¹⁶ Nome dado à coleção de tratados de lógica. *Órganon* se traduz como “instrumento” uma vez que a lógica não é entendida por Aristóteles enquanto uma ciência, mas sim enquanto aparato necessário ao conhecimento científico.

¹⁷ ROSSETTI, Op. Cit., pág. 87.

Nesse cenário provocado por Justiniano, grandes coleções de intelectuais gregos e romanos, contendo exemplares de toda a edição organizada por Andrônico de Rodes, foram parar no Oriente. E, por pelo menos um século e meio, Aristóteles obtinha uma especial atenção em Edessa, na Síria, até que em 489, fugindo das perseguições, os cristãos nestorianos leitores de Aristóteles levaram as obras para uma Pérsia islamizada que possibilitou a sobrevivência da obra.¹⁸

Além de interessar profundamente intelectuais persas e árabes – apesar das resistências periódicas por parte da ortodoxia islâmica – as traduções do grego acabaram sendo assimiladas como patrimônio da cultura árabe, e contaram com uma vasta produção de comentários que perdurou até bem depois do século XII.¹⁹ Século em que a expansão árabe tornou acessível o *Corpus Aristotelicum* à intelectuais de língua latina, que empreenderam uma retradução para o latim, conhecidas como as ‘traduções árabe-latinas’, reintroduzindo o pensamento aristotélico no Ocidente.

Enquanto isso, como consequência da quarta cruzada (1202-1204) e dos aproximadamente vinte anos em que Constantinopla tornou-se um Império latino no Oriente, os contatos entre Bizâncio e o mundo latino foram retomados, ocasionando uma forte procura pelos originais em língua grega e inaugurando uma época em se multiplicaram as traduções executadas diretamente dos exemplares gregos.²⁰ O ponto de partida desse movimento foi a retomada da demanda de cultura que vinha progredindo desde o século XI e se consolidou com a criação das universidades no século seguinte.

Outro momento importante no percurso das obras foi a passagem dos códices ao livro impresso, cuja multiplicação de exemplares garantiu a permanência dos textos clássicos. Sem deixar de lembrar que a manutenção dos textos nos códices medievais implicou num processo que varia entre 14 e 21 transcrições que intensificaram os riscos de erros e violações²¹. Com o aparecimento das obras impressas soma-se às modificações do texto – que foi reescrito, traduzido e recomposto – a repaginação, que de acordo com Chartier, numa nova configuração,

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ ROSSETTI, Op. Cit., pág. 88-89.

²¹ Revisões críticas do conteúdo dos códices são feitas a partir dos fragmentos de papiros conservados.

fragmentam a continuidade ininterrupta do texto e os parágrafos com reentrâncias deixam ver imediatamente a ordem do discurso, que reencontram na articulação visual da página, as conexões intelectuais ou discursivas do raciocínio.²²

Sobre as edições modernas, a edição de referência é *Aristotelis Opera Omnia* realizada por Immanuel Bekker em 1831 sob a égide da ‘Academia Real Borussiana’ de Berlim. É dividida em dois grandes volumes com uma numeração contínua das páginas, e cada página contém de 35 a 40 linhas numeradas. As citações da obra aristotélica são constituídas pelo número que indica a página, uma letra (a ou b) que indicam a coluna, seguida de outro número com a indicação da linha, além das indicações do livro e capítulo.²³ Outra edição importante, que inclui todas as obras presentes na edição Bekker mais uma seleção de fragmentos, o testamento e duas composições poéticas, é a edição inglesa de dois volumes publicada em 1984: *The Complete Works of Aristotle – The Revised Oxford Translation*, editada por J. Barnes.²⁴

Segundo o catálogo do Livro V da *Vida dos Filósofos* de Diógenes Laércio os escritos de Aristóteles compunham uma coleção que superam 150 títulos, enquanto que o *Corpus* consta de apenas 43 títulos. Essa não correspondência das listas – não só a de Diógenes, mas também de outros autores antigos, entre eles alguns árabes – com as obras selecionadas no *Corpus* deve-se à uma complicada série de circunstâncias, algumas já apresentadas acima, e à dificuldade de estabelecimento entre o autêntico e o inautêntico, uma vez que, se a própria seleção do *Corpus* é imperfeita, em todo este elenco de obras essa indistinção é exponencialmente maior. Sem contar as complicações trazidas pelo próprio hábito aristotélico de delegar muitas das tarefas de pesquisa a seus discípulos.²⁵

A produção filosófica de Aristóteles de que temos notícia são: os diálogos e os escritos perdidos, respectivamente, *Eudemo* e *Protréptico*, e *Sobre as Idéias* (ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ), *Sobre a Filosofia*; e os tratados compõem o que chamamos de *Corpus Aristotelicum* – tratados de lógica (*Órganon*): *Categorias*, *De Interpretatione*, *Primeiros Analíticos*, *Segundos Analíticos*, *Tópicos*; tratados de

²² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*, pág. 19.

²³ Exemplo: *Metafísica* Θ 10, 1051b 18. – Seguirei este padrão para as citações ao longo da monografia.

²⁴ Edição consultada em cotejamento das traduções portuguesas.

²⁵ ROSSETTI, Op. Cit., pág. 165.

física e biologia: *Física, De Caelo, De Generatione et Corruptione, Meteorologica, De anima, Parva Naturalia, História dos Animais, Partes dos Animais, Gerações dos Animais, Locomoção dos Animais*; tratados de ética e política: *Magna Moralia* (de autenticidade duvidosa), *Ética Eudêmica, Ética a Nicômaco, Política, Constituição dos Atenienses*; tratados sobre a arte: *Retórica, Poética*.

Por conseguinte, uma atenção à seleção e organização proposta por Andrônico é necessária. Se por um lado, presume-se que ele tenha em muitos casos “reunido” os escritos de temas afins e introduzido por si mesmo alguns títulos, por outro, é seguro afirmar que tenha sido ele a conferir a disposição dos tratados, começando pelo *Órganon*, seguido dos tratados de física e ética.²⁶ Esta opção de Andrônico acabou por conferir ao *Corpus* uma forte impressão de sistematicidade e unidade, que só vieram a ser questionadas ao longo do século XX.²⁷

No que diz respeito às interferências de Andrônico de Rodes, a mais significativa delas é a constituição da obra *Metafísica*, que em realidade eram tratados distintos que foram reunidos por Andrônico sob o título de sua própria invenção τὰ μετὰ τὰ φυσικά²⁸, ou seja, depois da física (τὰ φυσικά). Em uma alusão de que os assuntos dos tratados ali reunidos versavam sobre algo que estaria para além da física, num sentido “transcendente” ainda que esta não seja a melhor palavra. Portanto, *Metafísica* não foi o nome dado por Aristóteles à sua ciência, que era por ele entendida como *Filosofia Primeira* ou *Teologia*²⁹.

Tais observações até aqui apresentadas sobre o percurso das obras aristotélicas atuam como complexificadoras da fonte de pesquisa que não podem ser ignoradas, uma vez que, meu objeto de estudo não é um evento em particular localizado em um ponto do passado, mas um texto que por si mesmo possui uma historicidade. Portanto, é necessário abordar o texto enquanto texto – em seus suportes materiais, interferências, e maneiras de ler –, ainda que seja uma tarefa impossível tratar de todas essas questões em sua plenitude. Nesse sentido, com um intuito de clarificar as questões que estão em jogo na abordagem das obras, farei

²⁶ ROSSETTI, Op. Cit., pág. 167.

²⁷ Sobre esta questão um dos trabalhos mais relevantes é o de Werner Jaeger. O autor propõe uma leitura diacrônica das obras como forma de elucidar as tensões e anomalias presentes no *Corpus*, contrastando com a leitura tradicional em que todas as partes da obra aristotélica estão em perfeita harmonia e associam-se sincronicamente à um sistema isento de conflitos.

²⁸ Transliterado como *ta metá ta fysiká*.

²⁹ Teologia para Aristóteles significa o estudo do que é separado da matéria e imóvel.

uso de outra citação de Chartier que estabelece um link entre o encerramento desta parte do capítulo e o início da próxima:

“As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas são investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que dela se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar)^[30]. Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.”³¹

1.3. A metodologia

A palavra grega μέθοδος é composta por duas partes: a preposição de acusativo μετὰ (em direção a) e o substantivo ὁδός³² (caminho, via), que por extensão também significa ‘passo’ e ‘incursão’, de onde μέθοδος toma o sentido de ‘passo em direção a alguma parte’, que equivale a ‘maneira ou meio de fazer algo’. Em consequência, μέθοδος significa ‘o caminho em direção a’, o que supõe a busca de um caminho adequado, ou ‘a busca dos meios adequados para se fazer algo’. A palavra método, por conseguinte, adquire um duplo significado, por um lado é a busca de um caminho adequado, por outro é a aplicação dos resultados obtidos como consequência desta busca.³³

Entender as obras aristotélicas enquanto textos pressupõe compreendê-las dentro da lógica de eventos, em que A1 é momento da escrita que é seguido por pontos marcantes do percurso das obras em A2, A3... até o momento An em que elas se encontram à minha disposição. No entanto, cada um desses pontos na história da filosofia pressupõe contextos, conexões e sistemas de referência, que

³⁰ Aristóteles postula uma relevância significativa à função comunicacional da linguagem – vide *Metafísica*, livro Γ – a partir do estabelecimento de um sentido específico atribuído por ele às palavras, sentido este que deve ser compartilhado por seu leitor. À essa razão deve-se a existência do livro Δ da *Metafísica*, que é tido como um dicionário de termos.

³¹ CHARTIER, *A ordem dos livros*, pág. 9.

³² Transliterado respectivamente como *métodos*, *metá* e *hodós*.

³³ CASSANI, Jorge L. AMUCHASTEGUI, A. J. Perez. *Del epos a la historia científica*, pág. 24.

podem ser estabelecidos como A1a, A1b, e assim por diante... Portanto, estudar os textos em toda a sua complexidade significa retornar retroativamente de An à A1 levando em consideração os pontos (A5, A37, etc.) e os subpontos (A2b, A5c, etc.). Isto deve-se às apropriações, interferências e leituras do texto como resumidamente apresentadas anteriormente.

Explicando esta lógica a partir de uma metáfora, podemos estabelecer em A1 o encontro de um casal, que levou a A2, o começo de um relacionamento, que por sua vez conduziu os eventos à A5, o casamento, e depois a A7, quando o casal teve filhos. Assim, a cada etapa o momento A1 adquiria sentidos e importância diferentes. Da mesma maneira, seus subpontos, porque, dentro do contexto A1 temos A1c, que foi o atraso do ônibus, que a princípio era ruim, mas que em A2 é significado como ótimo porque tornou possível o encontro em A1; mas o acontecimento A1c já não é mais lembrado em A7. Porém, se em A10 o relacionamento termina, todos os 'As' anteriores são novamente ressignificados, e o esquecido A1c é lembrado como decisivo em A10.

Da mesma maneira funciona a tradição leitora de Aristóteles, que ao longo da História da Filosofia construiu camadas de significação a partir de seus sistemas de referência – e nesse sistema destaco as diferentes concepções temporais, porque um homem do século XVIII não deixa de ser si mesmo, na sua concepção de tempo utópica, quando tece um comentário à Aristóteles; nem o monge copista do século XIII, ainda no tempo da espera da salvação; e nem eu mesma deixo de ser alguém do século XXI lendo Aristóteles. Nesse sentido, abordar criticamente o texto aristotélico em toda a sua complexidade significa estar a par de todos estes sistemas que interferem diretamente no texto, ou na tradição de interpretação construída em torno dele.

Mas tal tarefa requereria possuir a mesma capacidade memorialística de Ireneo Funes, e, além disso, acesso à Biblioteca de Babel em todos os seus hexágonos, ou seja, Borges nos ensina duas vezes sobre essas impossibilidades.³⁴ Portanto, ainda que percorrer todos os pontos relacionados às obras aristotélicas signifique um caminho ilimitado em teoria, ele é limitado na sua efetividade pela ignorância. E esta, por sua vez, se define em três tipos: i. elementar: o material

³⁴ Jorge Luis Borges – A Biblioteca de Babel e Funes, o Memorioso.

necessário para reconstruir os sistemas de referência já não existe mais, ii. dinâmica: a necessidade de coletar mais e mais informações para poder avançar na pesquisa, iii. de horizonte: a pragmática do estudo. E a ignorância, em todas as suas definições, encontra-se presente nesta monografia. Portanto, ainda que ir de An à A1 seja a abordagem mais completa do *Corpus Aristotelicum*, assumo minha ignorância, e me proponho a ler Aristóteles em A1 sem me desfazer das significações trazidas pelos outros pontos.

Nessa perspectiva, intento ler Aristóteles³⁵ dentro do contexto da Grécia Antiga, mantendo a percepção da existência de uma elasticidade e uma resistência. Elasticidade no sentido de entender o sistema de referências de Aristóteles e resistência no sentido do limite de ignorância do meu próprio sistema de referências, como metaforizado com a ajuda de Hannah no início do capítulo. Todavia, não vou defender uma concepção causal do texto, mas uma percepção circular, em que o texto recebe seu significado no contexto, mas também age ressignificando-o.³⁶ Chartier torna essa relação mais clara quando diz:

“O texto, literário ou documental, não pode anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que remetem para suas próprias condições de produção. A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita.”³⁷

Assim, se a proposta é pensar a idéia de história através obras aristotélicas, a principal problemática no contexto em que as obras foram escritas é a concepção temporal. E o autor que torna possível uma análise dessa natureza em um tempo tão longínquo quanto a Antiguidade Clássica é François Hartog e seu conceito de “regime de historicidade”. Estabelecendo um diálogo com as reflexões dos *Annales*

³⁵ Não o pensamento vivo de Aristóteles, porque isso seria cair em mitologia, mas o pensamento de um Aristóteles mantido pela tradição.

³⁶ As reflexões até aqui apresentadas tomam como inspiração as aulas de Maxime Rovere sobre Spinoza, ministradas no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio em 2018.1.

³⁷ CHARTIER, R. *História Cultural*, pág. 63.

sobre as interações entre o social e o individual, e o pensamento de Koselleck sobre o “espaço da experiência” e o “horizonte de expectativa”³⁸, além da influência de vários outros autores como Sahlins e Pomian, Hartog elabora um conceito que, em suma, é um “instrumento” que serve para lançar luz sobre as formas singulares de experiência no tempo.

“O uso que proponho do regime de historicidade pode ser tanto amplo, como restrito: macro ou micro-histórico. Ele pode ser um artefato para esclarecer a biografia de um personagem histórico (...), ou a de um homem comum; com ele pode-se atravessar uma grande obra (literária ou outra), tal como as *Mémoires d’outre-tombe* de Chateaubriand (...); pode-se questionar a arquitetura de uma cidade, ontem e hoje, ou então comparar as grandes escansões da relação com o tempo de diferentes sociedades, próximas ou distantes. E, a cada vez, por meio da atenção muito particular dada aos momentos de crise do tempo e às suas expressões, visa-se a produzir mais inteligibilidade.”³⁹

O que está em jogo no procedimento de Hartog, talvez por influência de Koselleck, e que é caro ao que pretendo realizar no presente trabalho é a atenção dada ao texto. Koselleck analisa “textos nos quais a experiência temporal manifesta-se à superfície da linguagem, de maneira explícita ou implícita”⁴⁰, de maneira semelhante, os estudos de Hartog “elegem alguns personagens famosos e leem ou releem vários textos, questionando todos do ponto de vista das formas da experiência do tempo que os constituem ou os habitam, sem que eles se deem conta às vezes.”⁴¹

Nesse sentido, o “regime de historicidade” refere-se ao modo como uma sociedade trata seu passado, ao modo de consciência de si de uma comunidade humana. A sociedade constrói “representações” de sua presença no mundo e as inculca nos indivíduos, tornando-se neles um *habitus*, estruturando sua visão de si

³⁸ O passado constitui um espaço, pois é aglomeração de experiências em um todo que se dá ao mesmo tempo; o futuro é um horizonte, pois é uma linha atrás da qual se abre um novo campo da experiência possível cujo conhecimento é inantecipável. (...) O tempo histórico é essa tensão entre experiência e expectativa. – REIS, J. C. *Teoria e História*, pág. 42.

³⁹ HARTOG, F. *Regimes de Historicidade*, pág. 13.

⁴⁰ KOSELLECK, *Futuro Passado*, pág. 15.

⁴¹ HARTOG, Op. Cit., pág. 40.

mesmos, dos outros e da história. Toda sociedade é governada por um “regime de historicidade”, por um discurso sobre o tempo que dá sentido e localização a seus membros.⁴² A citação seguinte de Gourevitch elucidada e encerra esta parte do capítulo:

“As representações do tempo são componentes essenciais da consciência social. A estrutura da consciência social reflete os ritmos e as cadências que marcam a evolução da cultura. O modo de percepção e de apercepção do tempo revela as tendências fundamentais da sociedade, de seus grupos, classes, indivíduos. O tempo é uma categoria central no modelo do mundo de uma cultura e a representação cultural do tempo domina a experiência vivida e todas as suas expressões sejam elas as mais abstratas e formais.”⁴³

1.4. O regime de historicidade grego

Segundo Hartog, um regime de historicidade instaura-se lentamente e dura por muito tempo, portanto, para delinear o que seria o regime de historicidade grego é necessário retornar um passo em direção ao passado e à concepção temporal das sociedades arcaicas na tentativa de captar as similaridades e diferenças. Nesse sentido, os estudos de Mircea Eliade mostram-se particularmente instigantes, para o autor, o homem arcaico criou uma “representação do mundo” em que a historicidade é recusada, e nessa lógica, o mundo arcaico é anti-histórico.⁴⁴

O homem arcaico tem horror à mudança, à novidade, ao evento que lhe parece desconhecido e ameaçador. Ele se desvia do tempo e da história procurando repetir os gestos paradigmáticos dos deuses ao criarem um mundo perfeito. E nessa perspectiva, em que um discurso mitológico dá sentido à experiência vivida, se confundindo por fim com a própria experiência, o homem arcaico se reconhece como real na medida em que não é ele mesmo, mas quando repete e imita os gestos do outro. O futuro será igual ao passado, e a diferença temporal é minimizada.⁴⁵

⁴² REIS, J. C. *Teoria e História*, pág. 45.

⁴³ GOUREVITCH, A. Y. apud REIS, Op. Cit., pág. 44.

⁴⁴ REIS, J. C. *Teoria e História*, págs. 46-48.

⁴⁵ Idem.

O regime de historicidade grego é também anti-histórico, mas segundo uma razão diferente. Apesar da continuidade da importância mágico-religiosa, essa postura anti-histórica grega deve-se mais ao seu pensamento teórico que à mitologia. O pensamento grego contemplava um mundo em movimento circular, com as categorias da unidade, continuidade e eternidade, sua teoria concebia apenas o conhecimento do eterno, do permanente, do supralunar.⁴⁶ O mundo grego não é avesso à mudança, mas consciente dela, e portanto, o que realmente importa ao conhecimento é aquilo que permanece em meio ao movimento.

Os gregos não buscavam o sentido do ser na história, porque a história é do âmbito da mudança, e a mudança não poderia levar ao ser, pois um ser que muda já não é.⁴⁷ Um exemplo desse raciocínio pode ser encontrado no diálogo Teeteto de Platão. No diálogo está em questão a possibilidade do conhecimento discutida entre as personagens de Sócrates e Teeteto; em um determinado momento, Sócrates dedica-se a contestar a tese de Protágoras na qual “o homem é a medida de todas as coisas”. Essa tese advém das teorias mobilistas inauguradas por Heráclito, nas quais, simultaneamente, uma mesma coisa pode aparecer, ser nomeada e ser qualificada de maneiras opostas, “de forma que nada é uno, ou algo determinado ou como quer que seja. Da translação das coisas, do movimento e da mistura de umas com as outras é que se forma tudo o que dizemos ser, sem usarmos a expressão correta, pois em rigor nada é, tudo devém”⁴⁸. Nesse sentido, segundo Protágoras⁴⁹, dado o movimento, a verdade é estabelecida tendo como referência cada homem e sua percepção.

Sócrates contesta a tese de duas maneiras, por um caminho mais simples, e um mais complexo. Na primeira contestação, se o homem é a medida de todas as coisas, Protágoras deveria aceitar como verdadeira a opinião dos que o contradizem. E o segundo caminho é, se tudo está em constante movimento, o próprio estabelecimento do que é o movimento é impossível, porque não se tem o ‘um’ que muda, não há algo que foi e já não é, mas só o que está sendo, e se não há o que já foi, não há movimento; portanto, para que o próprio movimento seja possível, é preciso a unidade, e se há a unidade, há aquilo que é *no* tempo mas que não se altera

⁴⁶ REIS, J. C. Op. Cit., pág. 48.

⁴⁷ REIS, J. C. *História e Teoria*, págs. 16-17.

⁴⁸ PLATÃO. *Teeteto*, 152d.

⁴⁹ Interpretado por Platão.

na ordem do tempo.⁵⁰ Consequentemente, o homem não pode ser medida de todas as coisas, porque há o ‘um’ a partir do qual se estabelece a verdade.

Essa digressão serve para ilustrar que no pensamento grego⁵¹ a história não pode dizer o ser, o universal, mas apenas o particular, a mudança, e nesse sentido teórico que se configura como anti-histórico. Segundo José Carlos Reis:

“É surpreendente que esse pensamento tenha podido criar a história, um saber das ações humanas como resultado de investigação que aspirasse à verdade. A verdade não seria privilégio do supralunar e de seu conhecimento pela teoria? Como encontra-la no sublunar e na narrativa dos fatos particulares? Eis a originalidade grega: eles puderam criar a história porque viram que alguns aspectos dessa experiência temporal tinham direito à eternidade e poderiam ser repetidos.”⁵²

A história de acontecimentos notáveis merece ser recortada para servir de base para previsões, não demonstráveis cientificamente porque não universais, mas prováveis, afirmando não que acontecerá, mas que é possível que aconteça.⁵³ Esses eventos tornam-se tipos, categorias, que devem ser lembrados e repetidos por toda a eternidade. Portanto, o regime de historicidade grego ainda manteve algo da lógica mítica: impunha a lembrança dos grandes eventos e personagens exemplares.⁵⁴ Nessa perspectiva circular, a eterna repetição “é a aproximação mais íntima possível de um mundo do devir ao do ser.”⁵⁵

⁵⁰ Aristóteles também se posiciona sobre essa questão em Γ 1010a 35: “*Os que sustentam que o ser e o não-ser existem juntos, deveriam afirmar que tudo está em repouso e não que tudo está em movimento: de fato, segundo essa doutrina, não pode existir nada em que algo possa mudar-se, porque tudo já existe em tudo.*”

⁵¹ Exemplificado por uma simplificação pecaminosa de Platão, mas que poderia ser expresso por numerosos outras produções para além de Platão, que não cabem aqui apresentar à exaustão.

⁵² REIS, J. C. *Teoria e História*, pág. 49.

⁵³ COLLINGWOOD, *A idéia de História*, pág. 35.

⁵⁴ REIS, J. C. Op. Cit.

⁵⁵ NIETZSCHE. apud ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*, pág. 71.

Capítulo II – A ideia de História

2.1. O caso da Poética

Escreve Aristóteles na Poética, 1451a 36-b11:

“Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois bem que poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), – diferem, sim, em que se diz um das coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso **a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história**, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza e pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcebíades ou o que lhe aconteceu.”⁵⁶ [grifos meus]

Desse excerto da Poética podemos inferir que Aristóteles compartilha da lógica vinculada ao regime de historicidade grego tratado no capítulo anterior, dado a importância manifesta dos universais – também presente em toda a sua filosofia – que enquadra a história entre o estudo dos particulares.⁵⁷ Como não pretendo tecer uma análise extensa da Poética, cabe aqui ressaltar, para além dessa relação aristotélica com o regime de historicidade grego, as implicações da afirmação de que “a poesia é mais filosófica que a história”.

O termo que Eudoro de Souza escolhe traduzir como “filosófica” é φιλοσοφώτερον⁵⁸, no entanto, esse termo também pode ser traduzido como

⁵⁶ ARISTÓTELES. *Poética*, tradução de Eudoro de Souza, pág. 78.

⁵⁷ A partir da lógica formal é possível relativizar esse posicionamento da história em relação ao par universal/particular, uma vez que a universalidade é apreendida através da generalização dos casos individuais. Mas esse tipo de análise a partir da Poética requer um embasamento e esforço argumentativo que não cabem ao escopo da monografia.

⁵⁸ Transliterado como *philosophóteron*.

“científico”. Se optarmos pela tradução de Eudoro, significa que a história não é filosófica, o que mantém a coerência em relação ao pensamento dos universais, e permite dizer que a poesia é o termo médio entre a história e a filosofia. Mas se optarmos por traduzir por “científica”, a poesia então, seria mais científica que a história, o que sustenta a tese tradicionalmente atribuída a Aristóteles de que “a história não é ciência”. Porém, esta última tradução supõe uma separação entre o que seria “ciência” e o que seria “filosofia”, o que em Aristóteles não se aplica.⁵⁹ O que quero concluir com essa observação é que o termo φιλοσοφώτερον deve manter a ambiguidade aristotélica (relativa aos nossos próprios termos)⁶⁰, e que, portanto, a história para Aristóteles não é ciência ou filosofia.

2.2. A história a partir da Metafísica

Para começar a delinear uma leitura sobre o que seria a ideia de história em Aristóteles, é necessário entender primeiramente como funciona a divisão das ciências no *Corpus Aristotelicum*. No livro Γ da Metafísica⁶¹, as ciências são elencadas entre Práticas, Poiéticas e Teóricas. As ciências Práticas são as que *fazem* alguma coisa, entre elas encontram-se as obras de política e ética. As ciências *Poiéticas* são as que *produzem* alguma coisa, ou seja, obras que ensinam a *tékhnē*, como a Retórica e a Poética. As ciências Teóricas são as que *contemplam* as coisas, e estas, subdividem-se entre: o estudo de objetos móveis não separados da matéria, como a física e a biologia; o estudo de objetos imóveis não separados da matéria, como a matemática⁶²; e o estudo de objetos imóveis separados da matéria, como o primeiro motor⁶³.

Nesse elenco não encontramos colocação para a *Lógica* e a *Metafísica* (Filosofia Primeira) porque estas são as ciências que abarcam toda a realidade. A

⁵⁹ MARTINEZ, Gustavo. *El individuo em la Historia*, pág. 6.

⁶⁰ MARTINEZ, G. Op. Cit., pág. 7.

⁶¹ E novamente em E 2, 1026b 4-6.

⁶² Sobre a matemática Platão e Aristóteles se opõem, para o primeiro, a matemática é separada da matéria, para o segundo, a matemática precisa da matéria.

⁶³ O primeiro motor é entendido como o puro ato – dentro da realidade, mas fora do *kósmos* – que move as estrelas fixas em volta de si mesmas por *philia*, ou seja, as estrelas movem-se porque querem atualizar sua potência em ato à exemplo do primeiro motor. O movimento em volta de si das estrelas fixas é, por sua vez, a causa eficiente do movimento dos seres supralunares móveis, que são a causa eficiente do movimento no mundo sublunar. A filosofia medieval de Tomás de Aquino substituiu o “puro ato” por “puro ser”, ou Deus, o que respalda nossa significação atual para o termo “Teologia”.

Lógica, é o instrumento necessário a qualquer empreendimento científico, seja prático, teórico, poiético ou metafísico. E sobre a Metafísica diz Aristóteles em *Γ* 1003a 20: “*Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. Assim o fazem, por exemplo, as matemáticas.*”. Nesse sentido, apesar de a Metafísica ser a ciência primeira pela pretensão de tratar de todos os seres, ela é, na ordem da apreensão do conhecimento, o último estágio, uma vez que o conhecimento é adquirido a partir da física tendo como instrumento a lógica.⁶⁴

A par da compreensão aristotélica das ciências, retornemos à análise acerca da história. O termo *ιστορία*⁶⁵ no *Corpus Aristotelicum* adquire – assim como várias outras palavras – significações diversas em diferentes contextos. Três são as suas definições possíveis⁶⁶:

- i. um tipo de conhecimento que se origina da observação e descrição – como a análise dos fenômenos naturais e biológicos, sem a intenção de dar-lhes uma explicação racional.

De Anima 402a 1-4: Τῶν καλῶν καὶ τιμίων τὴν εἶδησιν ὑπολαμβάνοντες, μᾶλλον δ' ἑτέραν ἢ κατ' ἀκρίβειαν ἢ τῶ βελτιόνων τε καὶ θαυμασιωτέρων εἶναι δι' ἀμφοτέρα ταῦτα τὴν περὶ τῆς ψυχῆς **ιστορίαν** εὐλόγως ἄν ἐν πρώτοις τιθεῖμεν.⁶⁷

Supondo o conhecimento entre as coisas mais belas e valiosas, e um mais que outro, seja pela exatidão, seja por ter objetos melhores e mais notáveis, por ambas as razões **o estudo** da alma estaria bem entre os primeiros.⁶⁸

- ii. o processo de apuração dos dados que se segue à observação e descrição – esse processo entende-se como a etapa inicial e indispensável para se

⁶⁴ Assim, a organização e o nome *Metafísica* propostos por Andrônico de Rodes faz todo o sentido e permanece em coerência com o pensamento aristotélico.

⁶⁵ Transliterado como *historía*.

⁶⁶ VELASCO, María José Martín. *La concepción aristotélica de la historia*, pág. 5.

⁶⁷ As seleções dos trechos ilustrativos seguem as escolhas de María Velasco, que na posição de filóloga faz melhores escolhas do que as que eu poderia fazer.

⁶⁸ ARISTÓTELES. *De Anima*, tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis, pág. 45.

chegar ao conhecimento científico, em que se infere aos dados o sentido e a relação entre os sujeitos e predicados.

Analíticos Anteriores 46a 24-27: εἰ γὰρ μηδὲν κατὰ τὴν **ἱστορίαν** παραλειφθεῖη τῶν ἀληθῶς ὑπαρχόντων τοῖς πράγμασιν, ἔξομεν περὶ ἅπαντος οὐ μὲν ἔστι ἀπόδειξις, ταύτην εὐρεῖν καὶ ἀποδεικνύειν, οὐ δὲ μὴ πέφυκεν ἀπόδειξις, τοῦτο ποιεῖν φανερόν.

Se não se deixa de lado na **descrição** nada do que se dá verdadeiramente em todas as coisas, estaremos em condição, acerca de tudo aquilo que há demonstração, de encontrar e mostrar essa demonstração, e aquilo que não é natural que possua demonstração fazê-lo evidente.⁶⁹

iii. história enquanto um tipo de conhecimento do passado.

Retórica 1360a 37: ὥστε δῆλον ὅτι (...) χρήσιμοι (...) πρὸς δὲ τὰς πολιτικὰς αἰ τῶν περὶ τὰς πράξεις γραφόντων **ἱστορίαι**.

É útil para a legislação não só saber, pela **observação do passado**, qual é a forma de governo conveniente, mas também conhecer as dos outros países e que forma de governo se lhes ajustam.⁷⁰

Levando em consideração as reflexões aristotélicas no livro A da Metafísica a partir de 980b 27, é possível traçar o ponto comum entre esses três usos da *ἱστορία*. Em A temos que a sensação gera uma imagem que, contemplada como cópia, e não em si mesma, é a lembrança, que ao ser evocada é a memória. Da multiplicidade de memórias sobre uma coisa se produz a experiência, descrita como o repouso total da alma⁷¹. A experiência é, portanto, fixa e única, posto que unifica e estabiliza a multiplicidade sensorial e mnemônica quando se leva em conta a passagem do tempo.⁷² É em referência ao tempo passado e à fixação objetiva não generalizante, que as três concepções compartilham, em cada contexto, a ideia de um conhecimento de feitos passados e concretos, conseqüentemente não universais e

⁶⁹ Como esse trecho na tradução brasileira de Edson Bini pela Edipro é composto de escolhas prolixas, optei por adaptar a tradução em espanhol apresentada no texto de María Velasco. – A título de conferencia, eis a tradução brasileira: “Assim, se apreendemos os atributos do objeto em questão, nos capacitaremos de imediato e prontamente a formular sua demonstração, pois supondo que nenhum dos verdadeiros atributos dos objetos envolvidos tenha sido omitido em nossa investigação, estaremos capacitados a descobrir e demonstrar a prova de tudo que admita uma prova e elucidar tudo cuja natureza não admite prova.”

⁷⁰ ARISTÓTELES. *Retórica*, tradução de Manuel Alexandre Júnior, pág. 27.

⁷¹ Analíticos Posteriores, 100a 5.

⁷² VELASCO, Op. Cit., pág. 10.

não necessários, um tipo de conhecimento preliminar ao filosófico ou científico, mas sobre o qual estes se apoiam.⁷³

Nesse sentido, a *ιστορία* é um ponto de partida comum a todas as ciências que resulta em algo diferente segundo o objeto de cada uma. Nas ciências teóricas se refere à tarefa de observação e constatação, que será suficiente em determinados casos, e em outros servirá de base para um conhecimento científico posterior. Nas ciências práticas se refere ao que já aconteceu, aos dados singulares, a partir dos quais se pode construir uma generalização relativa à conduta dos homens, que, porém, será objeto de outras ciências.

No entanto, há outro aspecto da história relacionado à Aristóteles que não está vinculado ao termo *ιστορία*: a recapitulação do conhecimento alheio, das opiniões comuns e dos sábios⁷⁴, que lhe servem como ponto de partida nas investigações. Hábito que fez com que Aristóteles pudesse ser considerado um dos principais doxógrafos da Antiguidade, já que uma boa parte do pensamento dos filósofos pré-socráticos foi preservado por meio de suas citações e a história primitiva do drama ateniense se faz conhecer pelas informações contidas na *Poética*.⁷⁵

Esse método aristotélico que recorre à uma exposição histórica sobre o pensamento filosófico anterior na introdução de seus tratados, seja os de metafísica e cosmologia, ou os referentes às ciências teóricas ou práticas, pode conduzir a um caminho de interpretação descuidado e próximo às nossas próprias concepções de tempo, que vê em Aristóteles um progresso histórico linear, um desenvolvimento de pensamento através do tempo, desvinculado da lógica circular do pensamento grego.

A idéia de progresso do conhecimento e das técnicas humanas já foi posta pelos sofistas e médicos hipocráticos, como apresenta Platão no diálogo *Hípias Maior*. Contudo, esta não parece ser a concepção que compreendo como aristotélica, uma vez que Aristóteles nos apresenta em diversas passagens uma visão de descontinuidade no mundo sublunar, descontinuidade ligada não somente

⁷³ Idem. – No entanto, a *ιστορία* não deve ser confundida com *ἐπιστήμη*, *epistémē*, como abordamos na leitura da poética.

⁷⁴ *Éndoxas*.

⁷⁵ VELASCO, Op. Cit., págs. 3-4.

à destruição periódica das civilizações, como também ao ritmo desigual em que o conhecimento se dá nos diversos ramos de saber; para além desses motivos há a séria implicação de que o progresso linear supõe necessariamente um fim para a filosofia, o que me parece não condizer com a filosofia aristotélica.

Apesar de Aristóteles ser a origem de um bom número dos *topos* que hoje vemos na filosofia, não parece estar entre eles a autoproclamação de “último filósofo”. Aristóteles se apresenta mais como aquele que dá sentido ao conhecimento que se depositou em camadas sucessivas na experiência da humanidade, – entendendo esse movimento como um crescimento quantitativo, e não necessariamente progressivo – da mesma maneira que a casa construída confere o sentido de instrumento a seus materiais. Portanto, a lógica está no olhar, pois se a perspectiva é do passado para o futuro, as coisas se apresentam como um acúmulo cego de materiais; e se, ao contrário, olharmos do futuro para o passado conseguimos significar os materiais como instrumentos para a construção. A concepção histórica, portanto, é retrospectiva na medida em que o todo é logicamente anterior às partes, enquanto lhe é cronologicamente posterior.⁷⁶

O movimento da história não é, apesar disso, aquele de um desvelamento perfeitamente progressivo, uma vez que, para que assim fosse, os homens e principalmente os filósofos, deveriam participar com a mesma sinceridade da pesquisa comum da verdade⁷⁷, o que impossibilitaria a presença, tão incômoda a Aristóteles, dos sofistas, que, segundo ele, agem não em prol do conhecimento da verdade, mas em benefício próprio.⁷⁸

Nessa perspectiva, a ordem cronológica curva-se a uma ordem lógica.⁷⁹ Consequentemente, não há uma progressão em que o filósofo cronologicamente

⁷⁶ AUBENQUE, Pierre. *O problema do ser em Aristóteles*, pág. 81.

⁷⁷ AUBENQUE. Op. Cit., pág. 83.

⁷⁸ Aqui é irônico notar que a própria filosofia ontológica aristotélica se versa essencialmente em discutir as teses apresentadas pelos sofistas, o que os faria pertencer à pesquisa comum da verdade, apesar da negação aristotélica. Aristóteles dedica o livro Γ basicamente à uma discussão direta com as teses sofisticas, com especial atenção às de Protágoras, – essas teses podem, numa leitura dogmática, ser encontradas no diálogo *Eutidemo* de Platão – desse debate Aristóteles auferiu o princípio primeiro da *Metafísica*: o Princípio de Não-Contradição.

⁷⁹ Segundo Aubenque, somente no livro A da *Metafísica* ambas as ordens, cronológica e lógica, coincidem e Aristóteles nos persuade que a causa material deveria ser descoberta antes da causa eficiente, e a causa eficiente antes da causa final, e a causa final antes da formal. No entanto, é importante ressaltar que nenhum dos filósofos – além do próprio Aristóteles – é consciente de seu papel na descoberta das causas, Tales só é o primeiro filósofo porque Aristóteles assim o “colocou” na história da filosofia.

posterior encontra-se mais próximo da verdade que o seu antecessor. Isso se explica pelo que podemos chamar de violência do discurso na intenção filosófica, em que os filósofos diante das aporias acabam por se desviar do caminho da verdade, caindo na ficção⁸⁰. A ficção, explica Aristóteles no livro M da Metafísica, é a violência feita à verdade em vista de satisfazer uma hipótese.⁸¹ Logo, não são os problemas que passam, mas os filósofos; o tempo não intervém para estabelecer uma hierarquia entre as doutrinas.

Nesse sentido, a história é o palco em que as questões são postas e cujas respostas se põem próximas ou distantes de uma verdade sempre fugidia. Podemos afirmar então, que, se há uma progressão, ela se estabelece dialeticamente num eterno vai-e-vem de argumentações, e, portanto, distante de uma perspectiva linear.⁸² Mas podemos ir além e estabelecer que a utilidade da história é abreviar, pela experiência das evidências passadas, os anos de aprendizagem dos filósofos a vir, sem, entretanto, revelar qual é realmente o caminho que conduz à verdade.

2.3. A história na Filosofia Prática

Ao abordar a questão sobre como a ideia de história, delineada a partir da Metafísica, aparece na Filosofia Prática aristotélica, convém retomar a divisão das ciências. Aristóteles assinala repetidamente que a ciência se ocupa do que é necessário (necessariamente os três ângulos de um triângulo valem dois ângulos retos; necessariamente os astros se movem em movimento contínuo e circular; etc.), estabelecimento que realiza-se perfeitamente nas ciências teóricas, mas que, entretanto, quando se trata dos conhecimentos práticos e poiéticos, o método dever ser diferente, uma vez que estes não versam sobre o que se sucede necessariamente, mas sobre o que pode ser de outra maneira além de como é.⁸³

Perante ao que é ou ao que se sucede necessariamente não há intervenção humana, não há a possibilidade de atuar, a única coisa que se pode fazer é conhecer,

⁸⁰ πλασματώδες, transliterado como *plasmatódes*.

⁸¹ Metafísica, M, 1082b 3: "Ὅλως δὲ τὸ ποιεῖν τὰς μονάδας διαφόρους ὅπως οὖν ἄτοπον καὶ πλασματώδες (λέγω δὲ πλασματώδες τὸ πρὸς ὑπόθεσιν βεβιασμένον): "Em geral, depois, a tese que afirma uma diferença qualquer entre as unidades é absurda e puramente fictícia. (Entendo por fictício o que é abduzido de modo forçado para sustentar uma hipótese)." – Tradução de Geovanni Reale.

⁸² AUBENQUE. Op. Cit., pág. 92.

⁸³ MARTÍNEZ, T. Op. Cit. pág. 39.

contemplar tendo como fim o conhecimento em si mesmo, nesse sentido que se caracteriza um conhecimento como teórico. Mas, o que pode ser de outra maneira, pelo contrário, abre espaço para a ação humana, permite que o homem intervenha e atue, seja transformando a natureza pela técnica, seja dirigindo a própria conduta de uma ou outra maneira, assim, as ciências produtivas e práticas estão orientadas para a ação.⁸⁴

A investigação histórica, do modo que foi delineada na parte anterior, relacionada aos significados do termo ἱστορία – observação, descrição e racionalização – e ao exame das opiniões dos sábios, é somente o ponto de partida sobre o qual se fundamentam posteriormente as concepções teóricas segundo o método adequado a cada tipo de ciência. No caso das ciências práticas, a história, a informação recompilada sobre as ações humanas, é a base para as ciências relativas ao homem.

Nas ciências teóricas, a partir dos dados recolhidos na realidade se extrai por inferência causal um princípio, uma lei necessária e universal que se aplica posteriormente aos casos particulares, porém, no caso das ciências práticas a incorporação deste material individual deve seguir um método diferente, porque as ações humanas, por sua própria natureza, não são suscetíveis de entrar, umas com as outras, em uma relação causal necessária, sendo, portanto, contingentes.⁸⁵ No entanto, ainda que não seja possível estabelecer um princípio de caráter necessário que determine o acontecer previsível dos feitos humanos, não significa que as ciências relativas ao homem tenham que ser estudadas sempre como um conjunto de dados particulares.⁸⁶ Sobre a possibilidade de generalização nas ciências relativas ao homem, diz Aristóteles em *Metafísica A 981a 1-24*:

“Com efeito, os homens adquirem ciência e arte⁸⁷ por meio da experiência. A experiência, como diz Polo, produz arte, enquanto a in experiência produz puro acaso. A arte se produz quando de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes. Por exemplo, o ato de julgar que determinado remédio faz bem a

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ VELASCO. Op. Cit. 23.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ τέχνη, transliterado como *tékhne*.

Cálias, que sofria de certa enfermidade, e que também faz bem a Sócrates e a muitos outros indivíduos, é próprio da experiência; ao contrário, o ato de julgar que a todos esses indivíduos, reduzidos à unidade segundo a espécie, que padeciam de certa enfermidade, determinado remédio fez bem é próprio da arte. Ora, em vista da atividade prática, a experiência em nada parece diferir da arte; antes, os empíricos têm mais sucesso do que os que possuem a teoria sem a prática. E a razão disso é a seguinte: a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais; ora, todas as ações e as produções referem-se ao particular. De fato, o médico não cura o homem a não ser acidentalmente, mas cura Cálias ou Sócrates ou qualquer outro indivíduo que leva um nome como eles, ao qual ocorra ser homem. Portanto, se alguém possui a teoria sem a experiência e conhece o universal mas não conhece o particular que nele está contido, muitas vezes errará o tratamento, porque o tratamento se dirige, justamente, ao indivíduo particular.”⁸⁸

Nesse sentido, o conhecimento histórico enquanto um conhecimento de experiência, de generalização sobre casos semelhantes, aplicado às ciências práticas permite teorizar sobre o comportamento humano e fazer objeto de ciência o que de outro modo seria somente suscetível de observação como fenômeno submetido ao azar. Assim, a investigação histórica é o instrumento necessário para se fazer uma descrição e análise das situações concretas em componentes ou fatores universais.⁸⁹ De modo semelhante às ciências teóricas, a história é necessária para determinar tipos taxonômicos universais, referentes, tanto às formas de governo, quanto aos modos de comportamento que determinam os princípios da ética.⁹⁰

Escreve Aristóteles na *Ética a Nicômaco*:

“Nossos predecessores se omitiram quanto ao exame do assunto da legislação; talvez seja melhor, portanto, que nós mesmos o estudemos, e estudemos de um modo geral a questão das constituições, a fim de completarmos na melhor maneira possível, nos limites de nossa capacidade, nossa filosofia das coisas

⁸⁸ Tradução de Geovanni Reale.

⁸⁹ VELASCO. Op. Cit. pág. 25.

⁹⁰ Idem.

humanas. Primeiro, então, se algo foi dito em acerto e detalhadamente pelos pensadores anteriores, passemos em revista a sua contribuição; depois, à luz das constituições que colecionamos, examinemos as instituições que preservam ou destroem as cidade, e as que preservam ou destroem várias espécies de constituições, as razões pelas quais umas cidades são bem administradas e outras, ao contrário, são mal administradas. Quando tivermos estudado convenientemente estes assuntos é mais provável que possamos ver de maneira mais abrangente qual das várias espécies de constituições é a melhor, e como cada constituição deve ser estruturada, e quais as leis e costumes que uma constituição deve incorporar para ser a melhor.”⁹¹

Assim sendo, a ciência política, cujo fim é a construção da melhor cidade possível, é delineada tendo como referência os dados extraídos da coleção de constituições políticas colecionadas por Aristóteles – como a *Constituição dos Atenienses*⁹². E, portanto, o ideal tem como base o real histórico, atitude que corresponde ao método de investigação até então delineados. A Política é uma obra distinta da Constituição dos Atenienses. A investigação experimental, a busca e uso dos documentos e testemunhos históricos, dá lugar a outra dimensão: o raciocínio teórico, filosófico, político dos princípios que se mostram na experiência e no conhecimento histórico.⁹³

2.4. Sobre a dialética

O conhecimento histórico nas ciências práticas entrelaça, pela experiência, as significações expostas do termo *ιστορία* e as recapitulações dialéticas das opiniões comuns e dos sábios. Cabe agora examinar de maneira mais aprofundada porque Aristóteles se utiliza das *éndoxa* no início de seus tratados.

A dialética é apresentada no início dos Tópicos como: “*a pragmática deste tratado é a invenção de um método que nos ensine a argumentar acerca de todas*

⁹¹ Ética a Nicômaco, 1181b 13.

⁹² Não apenas as constituições atenienses foram colecionadas por Aristóteles, da grande investigação e coleta das constituições por toda Grécia, talvez devido à sua vida errante, restou-nos somente o primeiro livro que é justamente a Constituição dos Atenienses.

⁹³ RUFINO. Política e História em Aristóteles, pág. 184.

*as questões propostas, partindo de premissas prováveis, e a evitar, quando defendermos um argumento, dizer o que for que lhe seja contrário.”*⁹⁴. Deste extrato retira-se dois aspectos relevantes: o raciocínio dialético não parte de premissas verdadeiras, mas verossímeis, e a dialética é útil para estabelecer os princípios das ciências no sentido de que:

“é impossível sujeitá-los a discussão a partir dos mesmos princípios da ciência particular em causa, posto que os princípios são elementos anteriores a tudo o mais; estes devem discutir-se à luz e em virtude das opiniões prováveis relativas a cada um deles, e esta tarefa é própria, ou mais apropriada, à dialética porque, em virtude da natureza indagatriz, ela nos abre o caminho aos princípios de todo método.”⁹⁵

Nessa lógica, a própria natureza da dialética, associada à busca dos princípios das ciências, corrobora com a tese de que a história é o palco em que as questões são postas e discutidas sem revelar qual é realmente o caminho que conduz à verdade.

⁹⁴ Tópicos, 100a 18-21, tradução de Pinharanda Gomes.

⁹⁵ Tópicos, 101a 37-b3, tradução de Pinharanda Gomes.

Conclusão

Aristóteles compartilha com o pensamento grego o entendimento da história enquanto um tipo de conhecimento que versa sobre o particular, mas, apesar disto, a história – enquanto um estudo do passado, seja pela experiência, seja pelas *éndoxas*, ou mesmo as duas perspectivas conjuntas – para Aristóteles é o ponto de partida necessário para o estabelecimento de qualquer ciência, posto que os universais são apreendidos através do particular.

Para além desse entendimento sobre a história, relacionado aos princípios das ciências, o próprio conceito evoca o questionamento da concepção temporal. Nesse sentido, ainda que a tradição comumente leia em Aristóteles, a partir de suas próprias referências, um desenvolvimento progressivo linear do conhecimento, esta perspectiva não é condizente com a concepção temporal aristotélica. O tempo para Aristóteles, assim como para os gregos, é compreendido a partir de uma percepção circular, em que, apesar de qualquer aparência de progressão está sujeito a fatores corruptivos que podem fazer com que o conhecimento se perca e as investigações tenham que recomeçar. Porém, ainda que o pensamento aristotélico e o pensamento grego mantenham algumas relações na percepção da história, Aristóteles ressignifica a história entendendo-a como o substrato – para usar palavras aristotélicas – que torna possível o debate filosófico em busca da verdade.

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- AUBENQUE, Pierre. *O problema do ser em Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2012.
- ARISTÓTELES. *Constituição dos Atenienses*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- _____. *De Anima*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Metafísica*. Edição Bilingue, Tradução de Geovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 3v.
- _____. *Órganon*. São Paulo: Edipro, 2005.
- _____. *Órganon*. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editora, 1987. 5v.
- _____. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
- _____. *Poética; Órganon VI – Elencos Sofísticos; Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. *Política*. Tradução Mario da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- _____. *Politica*. Edición Bilingüe, Traducción Julian Marias y Maria Araujo. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1951.
- _____. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. *The Complete Works of Aristotle – The Revised Oxford Translation*. Edited by Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1991. 2v.
- _____. *The Nicomachean Ethics*. Translated by David Ross. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. *Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BARNES, J. Metaphysics. In: Barnes, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press, 1995, p. 66-108.
- BERTI, Enrico. *Estrutura e Significado da Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *Aristóteles no Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- BRAGUE, Rémi. *O tempo em Platão e Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

- CARREIRA, José Nunes. *História antes de Heródoto*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- CASSANI, Jorge Luiz. AMUCHASTEGUI, A. J. Perez. *Del epos a la historia científica*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1971.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1998.
- _____. *El presente del pasado*. México: Universidad Iberoamericana, 2005.
- _____. *História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHARTIER, R.; CAVALLO, Guglielmo. (orgs). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- COLLINGWOOD, Robin G. *A idéia de história*. Lisboa: Presença, 1981.
- DETIENNE, Marcel. *Os mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Prefácio de Pierre Vidal-Naquet. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- EYLER, Flávia. *História Antiga Grécia e Roma: A formação do ocidente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- GOBRY, Ivan. *Vocabulário Grego da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HARTOG, F. *Regimes de Historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Traduzido por Mário G. Kury. Brasília: Editora UNB, 1988.
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MARTINEZ, Gustavo Bueno. *El Individuo en la Historia*. España: Universidad de Oviedo, 1980.
- MARTÍNEZ, Tomás. *Aristóteles y el aristotelismo*. Madrid: Ediciones Akal, 2008.
- MINOIS, Georges. *História do Futuro*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MURACHCO, Henrique. *Língua Grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 2v.
- PEREIRA F., Gerson. *Uma Filosofia da História em Platão*. São Paulo: Paulus, 2009.
- PLATÃO. *Eutidemo*. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Loyola, 2011.

- REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- REIS, José Carlos. *Teoria & História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- _____. *História & Teoria*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. *História da "Consciência Histórica" Ocidental Contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ROSSETI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filosóficas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006.
- RUFINO, Salvador Rus. Política e História em Aristóteles. *Historia y Política*, Madrid, enero-junio 2007, nº 17, págs. 175-204.
- SILVA, Glaydson José. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *A idéia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017.
- SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- The Joint Association of Classical Teachers. *Reading Greek*. Cambridge University Press, 2007.
- VELASCO, María José Martín. *La concepción aristotélica de la historia*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.
- VERNANT, Jean-Pierre. A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado. *Discurso*, São Paulo, vol. 9, págs. 31-62, 1979.
- _____. *As Origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Difusão Editorial, 1986.
- _____. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- ZINGANO, Marco (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odisseus Editora, 2009.